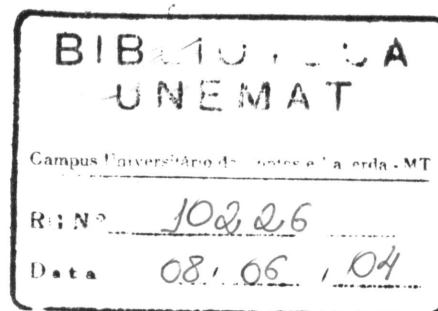


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

RELAÇÃO ENTRE PATRÃO E EMPREGADO EM SÃO BERNARDO

PAULO HENRIQUE AMARAL



PONTES E LACERDA, JUNHO DE 2003

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

RELAÇÃO ENTRE PATRÃO E EMPREGADO EM SÃO BERNARDO

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda como requisito final para obtenção
do grau de licenciado em letras.

Orientador: Prof. MS. José Pereira da Silva Neto

PONTES E LACERDA, JUNHO DE 2003

AGRADECIMENTOS

A meus pais, que tiveram paciência e compreensão; aos meus amigos e colegas que de uma forma ou de outra sempre estavam participando. E ao professor José Pereira que teve paciência em orientar este alienado.

Dentro de cada uma pessoa tem mais
mistério do que pensa a outra
(Anônimo)

SUMÁRIO

Introdução	7
Resumo da Obra	8
Contexto histórico	10
Quadro teórico	15
Análise	20
Considerações finais	27
Bibliografia	28

INTRODUÇÃO

Muito se tem ouvido falar sobre obras de Graciliano Ramos, a força que seus personagens impõem ao leitor, como é o caso de Paulo Honório, em São Bernardo.

O motivo que me levou a desenvolver este trabalho é mostrar a saga da vida de Paulo Honório que, para alcançar seus objetivos, passou por cima de tudo e de todos os que atravessaram em seu caminho. Portanto, através deste estudo pretendo mostrar as fases de sua vida, desde menino desamparado a fazendeiro rico, protegido por políticos; como ele tratava e considerava os que o rodeavam, como amigos e empregados, pessoas que o deviam dinheiro. Por último pretendo mostrar a sua decadência que começa com o ciúme da mulher, que culmina com sua morte, e por fim, o completo estado de degradação que chega a sua fazenda, que outrora fora tão próspera.

Resumo da Obra São Bernardo

(Graciliano ramos)

Paulo Honório é um homem crescido entre os espinhos da vida, sempre teve que suportar a dor e o sofrimento para conseguir algo. Acabou com todo o sentimento bom que tinha, deixando espaço somente ao egoísmo e à possessividade. Seu regionalismo culposo o deixou com uma alma agreste.

Ainda em sua juventude Paulo Honório foi preso por assassinato, e aproveitou a prisão para estudar contabilidade, evitando assim que lhe roubassem um réis sem necessidade. E foi com esse estudo que começou sua vida independente, ou seja, com o dinheiro alheio que emprestara com juros mais altos do que conseguira emprestado. Sem preocupações com as pessoas Paulo Honório conseguiu seu espaço na sociedade mas seu objetivo ainda não alcançara, e com mais alguns anos de grosseria, sofrimento alheio e possessividade conseguiu comprar sua tão desejada fazenda, a Fazenda São Bernardo, onde trabalhava quando foi preso.

Ao comprar e formar São Bernardo, Paulo Honório vê a necessidade de um herdeiro, e acaba casando com Madalena por amor. Embora ele fosse amado não deixou sua brutalidade, mas a disfarçou por algum tempo, quando percebe a diferença de personalidade entre eles começa a agredi-la e a desconfiar de todos os seus atos. Com todo esse transtorno e sofrimento, Madalena se suicida e deixa Paulo Honório em uma situação nunca antes experimentada, ou seja, percebeu um fracasso em sua vida grosseira, ele se tornou um homem solitário e frustrado, o

que o levou a fazer uma análise de toda a sua vida e de seus atos, os quais não sabia se eram bons ou ruins.

Contexto Histórico

O movimento modernista foi o prenunciador e preparador de um estado de espírito nacional que se manifestou através da arte, principalmente como também nos costumes sociais e políticos.

A transformação pelo qual passava o mundo com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, os novos ideais políticos europeus, a rapidez dos transportes, as transformações tecnológicas; no Brasil, a modernização no campo sócio-econômico, a imigração e a industrialização, os movimentos populares e militares que eclodiram em todo o país, a candidatura de Getulio Vargas para a presidência da república, o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, “impunham” a criação de um espírito novo e exigiam a remodelação da inteligência nacional. “Isto foi o movimento, de que a semana de arte moderna o brado coletivo principal.” (Andrade, 1972, p.231)

A “semana” foi uma declaração de fé na arte moderna. Nela se apresentaram figuras e grupos preocupados em construir o espírito modernista que avassalou o Brasil, que deu o sentido histórico da inteligência nacional. Porém “há um estilo de pensar e de escrever anterior e outro posterior à Mario de Andrade e Manuel Bandeira.” (Bosi, 1994, p.431) A atividade literária saiu renovada do modernismo Mário de Andrade faz uma reflexão, na sua conferência em 1942, sobre a herança que o movimento deixou: “o que caracteriza essa realidade que o movimento modernista impôs, é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização

da inteligência brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional.”

O “experimentalismo estético” dos artistas de 22 se fez muito em função das vivências de um pequeno que vivia entre São Paulo e Paris. O que levou Mário de Andrade a dizer “nós éramos os filhos finais de uma civilização que se acabou, e é sabido que o cultivo delirante do prazer individual represa as forças do homem que sempre uma idade morre. E já mostrei que o movimento modernista foi destruidor. Muitos porém ultrapassamos essa fase destruidora, não nos deixamos ficar no seu espírito e igualamos nosso passo, embora um bocado turtuveante, aos das gerações mais novas.”

Os chamados “anos loucos” da década de 20 foram bastante ricos do ponto de vista cultural. O Período pós-guerra, e a Europa comemoravam o retorno à felicidade dos primeiros anos do século. Não por acaso, a efervescência intelectual fez com que surgissem várias tendências artísticas, dessas várias tendências surge a arte moderna, e se alastra pelo mundo inteiro. No Brasil essa influência veio através da aceitação crítica que os modernistas de 22 fizeram dos chamados “ismos” europeus (futurismo) expressionismo (cubismo).

Para a virada radical no pensamento que se verificou na revolução modernista, contribuíram várias correntes de pensamentos procedentes de diferentes áreas de conhecimento: filosofia, física, psicanálise, ciências políticas.

O período compreendido como segunda fase do modernismo, no Brasil, contou com um poder centralizador muito forte na figura do presidente e ditador Getulio Vargas. O movimento tinha como principal alvo a antiga “política dos

governadores”, adotada no tempo de Campos Sales, que eternizava, nos governos regionais, políticos que usavam sua influência para favorecer o governo nas votações do congresso. Desta estratégia derivou a chamada “política do café com leite” que alternava na presidência nomes ligados a São Paulo e Minas Gerais. Em 1937, com o golpe do Estado Novo, Vargas cancela as eleições prometidas, mantendo-se no governo como ditador até 1945.

A realidade se processa, velhos problemas continuam e surgem novos. O tenentismo liberal e a política Getuliana, só em parte aboliram o velho mundo, segundo Bosi, e compuseram-se aos poucos com as oligarquias regionais, com os novos nomes e lemas populares para o operário e as classes médias; a aristocracia do café, que patrocinou a semana de arte moderna viria conviver normalmente com a nova burguesia industrial que se firmava. Coube aos novos escritores a compreensão da nova atuação após 1930, como Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e outros.

Em 1945, as mesmas forças que lutavam contra as ditaduras nazi-facistas européias passaram a questionar a validade de sustentar internamente outro regime ditatorial. A pressão para que Vargas renunciasse, fez com que o governo promovesse eleições democráticas, mas até a consolidação da mesma o país viveu quinze anos de repressão institucionalizada, com perseguições políticas e censuras de todos os tipos.

O líder da primeira geração do modernismo Mário de Andrade reconheceu que uma das limitações do movimento era seu gradativo distanciamento do povo. Segundo o mesmo, isto acontecia em função de excessivas preocupações de

reformulação formal da arte brasileira, absorvidas e compreendidas apenas por um determinado grupo.

Isso fez com o segundo tempo do modernismo mais politizado, produzir uma literatura centrada na preocupação social, reduzindo a importância que até então se dava às reflexões de ordem estético-formal. A marca desta geração começou a ser moldada com um congresso de escritores nordestinos, que defendia a criação de um regionalismo crítico, sem excluir as conquistas da geração anterior.

O período ficcional relativo à década de 30, mostrou uma literatura comprometida com os temas regionais, principalmente ligados ao nordeste brasileiro. Assim, relações de trabalho arcaicas, explorações, opressão, coronelismo, cangaço, banditismo, seca, miséria, fome eram temas que se sobressaía nos romances da época.

No segundo período do modernismo brasileiro, Graciliano Ramos foi o maior representante da prosa. Em sua obra, ele aderiu à crítica social, sem deixar de lado as tentativas de desvendamento dos mecanismos da alma humana. O estilo de Graciliano, seco, conciso, direto, desprovido de qualquer marca de sentimentalidade, juntava-se perfeitamente com o ambiente em que se passavam as ações de seus romances, e com as personalidades das personagens que neles viviam. O meio ambiente integrava-se ao indivíduo, parecendo fazer parte dele. Em sua obra *São Bernardo*, o narrador Paulo Honório, é um fazendeiro cuja brutalidade aparece como fruto da opressão do meio ambiente, mas que é gradativamente acentuada por seu comportamento autoritário diante dos

empregados e pelo ciúme doentio da esposa, da até a impressão da perda completa da própria humanidade.

QUADRO TEÓRICO

Está no drama do romance de 30, como tema central, o dilema da sociedade nordestina, cuja estrutura dinâmica traz uma inconsistência nascida da oposição entre valores morais básicos e o comportamento social concreto.

O romance marca um fato importante na mudança de forma de organização social e econômica, momento de transição em que o feudalismo está em fase de decadência e a emergente burguesia ganha espaço.

A grande característica do romance político é a obra apresentar tensões internas. Paulo Honório, herói típico do romance do séc. XIX, estava sempre testando a si mesmo, seus valores contra os remanescentes da aristocracia e os símbolos do novo mundo que ofendiam.

Segundo Lukács essa busca de valores de Paulo Honório (um personagem problemático), dentro de um universo vazio, em que o sentido da vida desaparece. A verdadeira busca começa onde termina a vida de Paulo Honório. Em São Bernardo os planos de memória, os imaginários e os reais se confundem e se embaralham.

São Bernardo encaixa como romance político por ser uma obra com “tensões” internas e contém representação usual de comportamento e sentimento humano. Trata de sentimentos morais, paixões, emoções em que o conflito é inevitável pois é desse conflito que o romance político ganha seu interesse.

A literatura participa de modo significativo na dinâmica da modalidade social, para Alfredo Bosi o romance, principal gênero literário do período de 30,

volta-se para o tratamento neo-realista, das questões do homem e da terra, discutindo criticamente as relações sociais de classe por meio da retratação objetiva da realidade brasileira, principalmente a regional, e provando o quanto os escritores se encontravam comprometidos com os ideais políticos.

A obra de Graciliano vai além de discussões em torno do regionalismo, ele soube preservar a autenticidade da ambientação geográfica cultural, mundo de suas origens, sem perder a dimensão universal do drama humano. Penetrando com um olhar “clínico” na mais profunda miséria revelada no caráter humano.

O romance regionalista ou ciclo do romance nordestino, que compreende a segunda fase do romantismo, período da literatura ficcional relativo à década de 30, era comprometida com os temas regionais, principalmente no tocante ao nordeste brasileiro.

Graciliano Ramos foi o maior representante do modernismo brasileiro. Em sua obra ele aderiu à crítica social, sem deixar de lado o desenvolvimento do mecanismo da alma humana. Em função disso, o meio ambiente integra-se ao indivíduo, parecendo fazer parte dele. O estilo do escritor, seco, conciso, casava-se perfeitamente com o ambiente em que se passavam as ações de seus romances, e com as personagens que neles viviam.

A obra *São Bernardo* de Graciliano Ramos, segundo Antonio Cândido, é um livro curto, direto e bruto. Poucos como ele serão tão honestos nos meios empregados e tão despidos de recursos; e esta força parece gerar da unidade violenta que o autor lhe imprimiu. Os personagens e os fatos, vão surgindo como meras modalidades do narrador, Paulo Honório, cuja personalidade dominadora se

amesquinham, frágeis e distantes. Mas Paulo Honório por sua vez, é modalidade duma força que o transcende e em função da qual vive: o sentimento de propriedade.

Paulo Honório, filho de pais desconhecidos, criado pela preta margarida de guia, de cego se tornou um grande fazendeiro, respeitado e temido, devido a sua esperteza em manobrar a vida, sem perder o seu objetivo.

O meu fito na vida foi apossar-me das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. (Ramos, p.11)

O narrador se mostra realmente como um verdadeiro homem de propriedade, segundo Cândido, mais ou menos no sentido do *Forsyte*, de *Galsworth*, isto é, gente para qual o mundo se divide em dois grupos: os eleitos, que tem e respeitam os bens materiais; os réprobos, não os tem ou não os respeitam.

Ainda segundo o mesmo, daí resultam uma ética, uma estética e até uma metafísica. De fato não é à toa que um homem transforma o ganho em verdadeira ascese, em questão definitiva de vida ou morte.

Paulo Honório, não criava vínculos de amizade, o indivíduo só lhe interessava na medida em pudesse trazer benefícios aos negócios, em seguida, podemos confirmar que as relações afetivas de Paulo Honório só se concretizam numericamente, momento em que ele recolhendo a negra que o alimentou na infância.

a velha Margarida mora aqui em São Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu. (Ramos, pp 12, 13)

Bosi coloca, que o realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico, o "herói" é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separa da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível.

A aquisição da fazenda São Bernardo, leva Paulo Honório despertar um sentimento patriarcal, mas na busca de um herdeiro termina apaixonado casando-se por amor. Só que o amor não foi recompensado por tanta luta, se revela de início, incompatível com eles. Madalena, ao contrário de Paulo Honório não estabelecia a vida como uma relação de possuidor a coisa possuída. A falta de solidariedade de Paulo Honório durante toda vida volta-se agora contra ele mesmo.

A bondade de Madalena ameaça o poder fundamental da propriedade e a máscara moral, Paulo Honório se vê em um conflito que reage contra a dissolução de sua frieza. O resultado deste conflito é o ciúme que leva à morte de Madalena. Segundo Antonio Candido, o senhor de São Bernardo reage pelo ciúme, expansão natural de seu temperamento forte e forma, ora disfarçada ora ostensiva, do mesmo senso de exclusivismo que o dirige na posse dos bens materiais.

No final de incessante luta, não houve vencedores, Madalena, brutalizada se suicida e Paulo Honório, vitorioso de uma vitória que não esperava e não

queria. Paulo Honório é marcado por uma personalidade forte, e esta, por sua vez, pela tirania de um sentimento dominante.

ANÁLISE

Antes da década de 30, a sociedade brasileira, mais especificamente a do Nordeste, incentivava a identificação do sucesso individual com o reconhecimento da posição social moral do indivíduo. Nesse contexto cultural o sucesso era atribuído pela riqueza e pela posse de terras, conseguida quase sempre às custas da exploração dos mais fracos.

E dentro desta ótica que está formado o personagem Paulo Honório, ser ganancioso em seu valor humanamente negativo e na relação que seu caráter com o conjunto da vida social que o rodeia, relação que resultou e praticamente o obrigou a obedecer a um certo número de compromisso que os levou para a degradação, embora até certa altura de sua vida, tivesse acreditado estar lutando para obter melhoramentos. O mesmo, busca conseguir status social valorizado pela comunidade pela comunidade na qual vivia, garantindo a autonomia individual.

A primeira fase da vida de Paulo Honório é marcada pela sua origem, filho de pais desconhecidos, criado pela velha Margarida. Quando ainda criança, trabalhou na enxada a cinco tostões por doze horas de serviço. A sua vida é marcada definitivamente aos 18 anos, quando é preso por ter matado um rival, ao sair da cadeia, sai determinado a reverter os papéis que ocupava dentro da sociedade, ou que sabe, nem ocupava.

Antes sua vida fora marcada pela falta de objetivo, de ambições, a partir de agora, momento em que sai da cadeia, está decidido a ganhar dinheiro e enriquecer para não sofrer as humilhações a que um homem sem posição social definida está sujeito.

Paulo Honório, na busca de alcançar o alvo, passa a conhecer seu ambiente, os valores por ele respeitados, resolve tirar o título de eleitor para garantir a proteção; no início da sua luta pela riqueza, pede dinheiro emprestado a juros altos. Dentro de uma sociedade capitalista, em que predomina a lei do mais forte, sem se importar com códigos morais, passa por cima de tudo, pois realmente o que importa é a escalada social rumo ao topo e, Paulo Honório segue à rica a linha da mesma.

A seu modo consegue adquirir propriedade e torna-se um fazendeiro com personalidade irônica, de caráter orgulhoso e dominador. Paulo Honório tem consciência que os desprotegidos políticos e os pobres são mais severamente punidos do que aqueles que usufruem de certos privilégios, reafirmando, portanto, a diferença entre pobres e ricos, poderosos e fracos.

Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei maquinismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. (Ramos, p. 40)

Em seguida, na segunda parte de sua vida, Paulo Honório coloca-se ao lado dos fortes, manipula a justiça e conscientemente vai empreender negócios e buscar o convívio com aqueles que representam o alicerce da sociedade em que vive: o chefe político, o juiz – a quem prepara a invasão da terra – o padre, a pedido de quem construirá a igreja da fazenda, o advogado e os jornalistas.

O espírito de evolução tecnológica, de progresso e de transformação que empolgava toda uma época toma conta de Paulo Honório que se mostra indignado ao ver terra férteis desapropriadas, estradas ruins, dificultando o transporte, fatores que embargava a impossibilidade de um progresso relativo que viesse modificar o panorama econômico-social da região. Empecilhos não intransponíveis para Paulo Honório que com garra animalesca e inescrupulosa, luta contra tudo e todos, transformava-se a si mesmo e a todos que o cercavam em máquinas, em coisas ou em bichos para alcançar seu alvo – o status social.

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como o Cassimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo... (Ramos, p. 182)

Paulo, protegido politicamente pela filiação partidária prestada ao Pereira, agiota ligado ao governador, emprega as mesmas armas usadas em seu “mundo”, dando uma surra no Dr. Sampaio, mau pagador. Não tendo sofrido nenhuma punição por sua atitude, ele vê confirmada sua tese de que os mais fortes, quando bem protegidos, vencem sempre e podem impor aos mais fracos à sua justiça pessoal.

Contudo, cresce uma sociedade que opta sempre pela ação violenta porque nela vê a eficiência e o meio mais rápido e mais prático para resolver suas pendências individuais e vencer barreiras. Confia na legitimidade de sua ação, o que conta para ele são os fins obtidos e não os meios empregados para a consecução dos mesmos.

Paulo Honório vê a violência, a exploração e a opressão aos mais fracos como sinônimo de resultado altamente benéficos, desde que a opressão esteja garantida pela proteção política, pela posse de terras e pela riqueza. Estando certo que qualquer espécie de violência e exploração pode ser utilizada pelo indivíduo que adquiriu o direito de dominar.

As pessoas próximas a Paulo Honório, com exceção de Margarida, Madalena e D. Glória se assemelha a ele, agem em função de interesses exclusivamente pessoais visando ao próprio benefício, convivendo e mantendo relações cordiais, com um homem violento, movido por uma justiça ambígua e clemente com os poderosos.

Paulo Honório explora e manipula tudo e a todos em função de seus interesses, até mesmo o jornalista Brito é movido pela inutilidade de suas chantagens. Observa-se então que a opção proposta pelo contexto social está em agredir ou sofrer a agressão, entre subordinar ou ser subordinado por indivíduos mais fortes, oferecendo-nos uma crítica contundente contra o regime econômico-social desumano do nordeste e uma demonstração de que os valores praticados diferem totalmente daqueles tradicionalmente considerados melhores. Consciente disso, diz Paulo Honório:

Ninguém imaginava que, topando obstáculos mencionados, ou haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem se deter caminhos certos. Não senhor, não procede, nem percorri. Tive abatimentos, desejo de recuar, contornei dificuldades: muitas curvas. Achem que andei mal? A verdade é que não soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que

me trouxeram prejuízo. Fiz coisas ruins que me trouxeram prejuízo. Fiz coisas ruins que me deram lucro. (Ramos, p. 39)

Paulo Honório estava dominado pelo desejo de enriquecer, considerando-o assim, como finalidade de sua vida. Estará, pois, escravizado ao dinheiro e a fortuna.

Acostumado a ter como objetos ou animais as pessoas que o cercam, Paulo sente-se enlouquecer um não poder fazer o mesmo com Madalena, por não poder subordina-la, totalmente à sua vontade, na medida em que não pode obriga-la a cumprir o acordo que pensará ter feito ao propor-lhe o casamento.

Madalena desperta em Paulo Honório sentimento que ele não quer reconhecer, pois julgava suas atitudes esquizofrênicas todas justificáveis. Os outros nomes que ela me havia dito não tinha significação. Aquele tinha significação “Madalena” pois me chamando de “canalha”, “egoísta”, “bruto”... “Torturador” não o incomodava, pois não o caracterizava, ele não se sentia assim, porém “assassino”, mexia em, seu direito de auto-definir-se e invadia o seu íntimo que ele não queria revelar nem a si mesmo.

A forma agressiva de tratar e julgar os demais que o rodeiam mostra a atitude defensiva de um homem que se viu impedido a agir conforme o seu “mundo” particular indicava, atitude que, de defensiva, passa a ser agressiva, a partir do momento em que ele decide terminar a relação de subordinado e ser subordinador. Ele agride a todos os trabalhadores de eito, a escala crescente de sua violência interior atinge seu clímax quando provoca através de seu ciúme a morte de sua mulher.

O suicídio de Madalena leva Paulo perceber que a agressão contra tudo e todos e a si próprio, ao mesmo tempo que constrói seu império ambicionado e o faz percorrer o poder tão almejado, faz nascer a derrota – o traçado da incapacidade afetiva – a degradação e a infidelidade. No fim, o desespero, quando perde tudo, a te a mulher, e não que mais nada, como se fosse um efeito de um veneno caindo de um conta-gotas, torturando, o que ainda resta de vida no meio de círculo já inteiramente apodrecido.

A interação dos “eus” em Paulo Honório o afugenta e o faz refletir sobre a sua escalada e, revela o nascimento de uma nova personalidade, que rejeita suas atitudes, seus efeitos e sobretudo a escala de valores marcara sua vida. O mesmo resolve escrever sobre sua vida como forma de denúncia. Seu olhar clínico, a suas atitudes anteriores encaramos como uma “confissão purificadora” e uma crítica dirigida a sociedade que impeliu para tais atitudes e a si mesmo, e também uma maneira de auto-situar-se dentro de seu mundo egoísta.

Sozinho, abandonado por amigos, proprietário de uma fazenda decadente, a figura de um derrotado. Tem consciência de sua deficiência para levar ao final o projeto do livro e passa a pedir auxílio a amigos mais cultos os quais mostram-se incapazes em auxilia-lo, então dispõe-se a iniciais e a tarefa e realizá-la sozinho.

Tenciono contar a minha história. Difícil. Talvez deixe de mencionar particularidades úteis, que me pareçam acessórios indispensáveis... (Ramos, p. 10)

O protagonista leva a sua narrativa a uma ordem de conceitos extremamente pessoal, hierarquizando e transformando os fatos segundo o modo pelo qual eles mais o tocaram, interpretando-os antecipadamente.

Através da análise, acompanhamos o crescimento de Paulo Honório, absorvendo e impondo valores numa sociedade incapaz de manter relações de respeito pelo próximo habituado ser subordinador, a levar o ser humano que o segue ao enclausuramento e à solidão.

Paulo Honório, simboliza, portanto, o homem deformado e vencido pelos valores sociais que lhe são empregados, não tendo aprendido a separa-los, tornando-se um ser completamente inutilizado e expulso do seio dessa mesma sociedade pelas suas próprias atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise podemos perceber que Graciliano Ramos desnuda seres que não aceitam o mundo, nem os autores e nem a si mesmos, sofrem pela distância que os separam da família; porém mostra o retrato absoluto dos problemas do homem nordestino.

Naquela sociedade egoísta em que viviam, homens e mulheres, jovens e crianças, dividiam o mesmo espaço, onde a violência gerava derrota e destruía a capacidade afetiva entre os seres. Graciliano Ramos tomou Paulo Honório como amostra da deficiência dos homens, que na ânsia da sobrevivência passam por cima de quaisquer “obstáculos”.

O personagem de Paulo Honório passa a ser um herói derrotado, pois no final do romance, na tentativa de encontrar o sentido perdido, só encontra com a solidão, e o mesmo é incapaz de tomar uma atitude e modificar-se.

BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antônio. Formação da Literatura Brasileira, 7^a ed. Ed. Itatiaia LTDA, RJ 1993.

BOSI, Alfredo, História Concisa da Literatura Brasileira, Ed. Cultrix. SP. 1997.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo, 36^a ed. Ed. Record. São Paulo – SP. 1980.

LUKÁCS, Georg. A Teoria do Romance, 1^a ed. Ed. 34. São Paulo – SP. 2000.